



GATEBAL: JOGANDO VOU ENTENDENDO E ENGRENANDO E ASSIM É GOSTOSO, CATIVA E SEDUZ

José Tarcísio Grunennvaldt¹
Wladislaw Kosloski²
Emerson Rodrigo Coletto³
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt⁴

RESUMO

A pesquisa destacou uma manifestação de raízes étnico-culturais – o Gatebal, praticado nas tardes de sábados e domingos por sujeitos da terceira idade e de descendência japonesa. Objetivou-se na pesquisa: 1. Verificar como a sociabilidade de fronteira possibilita a construção de obrigações horizontais em vez de reproduzir as obrigações verticais que não respeita à subjetividade; 2. Verificar se o gatebal contribui fortalecendo a sociabilidade e a mobilidade dos sujeitos como elementos qualificadores do lazer. 3. Compreender o gatebal como um jogo ativo que possibilita aos sujeitos envolvimento em situações agradáveis que concorrem para a melhoria das relações interpessoais, da saúde física e mental.; 4. Reconhecer na experiência do Gatebal da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT, como iniciativa de jogo-esporte em que se supera o entendimento corrente do esporte da segregação por gênero na prática. O grupo focal foi o instrumento de coleta de dados e se define como técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Nas falas se evidenciaram as representações: função social do gatebal e sua característica cultural; a relação idade e tempo; esporte e saúde na velhice; sentimento de igualdade de homens e mulheres no time.

Palavras chave: Gatebal; tempo livre-lazer; diversão-exercício.

GATEBALL: PLAYING I'LL UNDERSTAND AND GEARING AND IS SEDUCTIVE AND CAPTIVATING

ABSTRACT

¹ Prof^o Associado do Instituto de Ciências da Saúde – UFMT/Sinop.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática – Hab. Matemática- UFMT/Sinop.

³ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática – Hab. Física- UFMT/Sinop.

⁴ Prof^a Associada do Instituto de Ciências da Saúde – UFMT/Sinop.



The research highlighted a manifestation of ethnic and cultural roots - the Gatebal, practiced on Saturday and Sunday afternoons for senior citizens and subjects of Japanese descent. The research aims to: 1. Verify how the boundary sociability enable the construction of horizontal obligations instead of reproduce the vertical obligations that not respect the subjectivity.

2. Verify that the gatebal helps strengthen the sociability and mobility of individuals as qualifying elements of leisure. 3. Understand the gatebal as a active game that enables to the subjects engaging in pleasant situations that contributes to the improvement of personal relationships, physical and mental health. 4. Recognize in the experience of Gatebal in the Japan-Brazil Association at Sinop-MT, as an initiative of game-sport that surpasses the current understanding of sexual gender segregation. The focus group was the instrument for data collection and defines itself as a research technique that collects data through group interactions when discussing a particular topic suggested by the researcher. In the speeches were revealed representations: social function and its cultural characteristics, relationship to age and time, sport and health in old age; sense of equality of between men and women.

Keywords: Gatebal, free time/leisure, fun/work out

GATEBAL: JUGANDO VOY ENTENDIENDO Y ENGRANANDO Y ASÍ ES RICO, CAUTIVA Y SEDUCE

RESUMEN

La investigación destacó una manifestación de raíces étnico-culturales – el Gatebal, practicado en las tardes de sábados y domingos por personas de la tercera edad con descendencia japonesa. Fue objetivo de la pesquisa: 1. Averiguar como la sociabilidad de frontera posibilita la construcción de obligaciones horizontales al revés de reproducir las obligaciones verticales que no respetan la subjetividad; 2. Verificar si el gatebal contribuye fortaleciendo la sociabilidad y la movilidad de los sujetos como elementos cualificadores del ocio. 3. Comprender el gatebal como un juego activo que posibilita a los sujetos involucrados en situaciones agradables que concurren para la mejoraría de las relaciones interpersonales, de salud física y mental.; 4. Reconocer en la experiencia del Gatebal de la Asociación Nipo-Brasileña de Sinop-MT, como iniciativa del juego/deporte en que se supera el entendimiento corriente del deporte de la segregación por género en la práctica. El grupo focal fue el instrumento de recolección de datos y se define como técnica de pesquisa que recolecta datos por medio de las interacciones grupales al discutirse un apartado especial propuesto por el pesquisador. En las hablas se evidenciaron las representaciones: función social del gatebal y su característica cultural; la relación edad y tiempo; deporte y salud en la vejez; sentimiento de igualdad de hombres y mujeres en el equipo.

Palabras clave: Gatebal; tiempo libre/ocio; diversión/ejercicio.

1.Introdução



Trata-se de pesquisa realizada junto a Associação Nipo-brasileira de Sinop-MT, que focou uma manifestação de raízes étnico-culturais – o Gatebal, desenvolvida nas tardes de sábados e domingos por sujeitos, da terceira idade e de descendência japonesa.

Objetivou-se verificar como a sociabilidade de fronteira possibilita a construção de obrigações horizontais e que se sobrepõe a criação de obrigações verticais que envolvem respeito à subjetividade tendo-a como participativa e movida pelo princípio da comunidade; Verificar em que medida o gatebal pode contribuir fortalecendo a sociabilidade e a mobilidade dos sujeitos como elementos de que qualificam o lazer; Compreender o gatebal como um jogo ativo que possibilita aos sujeitos de terceira idade no seu envolvimento situações agradáveis que concorrem para a melhoria das relações interpessoais, da saúde física e mental; Reconhecer a experiência do Grupo como iniciativa de jogo-esporte em que se supera o entendimento corrente do esporte que defende a segregação por gênero na prática, o que não mais ocorre na sociedade inclusiva de modo em geral.

2.Será mesmo a terceira idade um tempo de lazer?

Em seu livro *A velhice*, Simone Beauvoir (1990) agracia o leitor discorrendo sobre o *Tempo, atividade, história* quando introduz a discussão com a afirmação de que existir, para a realidade humana é temporalizar-se, pois:

(...) no presente, visamos o futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado, no qual recaem nossas atividades, imobilizadas e carregadas de exigências inertes. A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada (BEAUVOIR, 1990, p. 445).

Com efeito, as conseqüências das mudanças do temporalizar-se do homem repercutem umas nas outras onde geram uma situação, que varia segundo a história anterior do indivíduo, mas que dela se podem destacar constantes.

É corrente na sociedade contemporânea uma representação dos idosos como se estes fossem pessoas cansadas, fadigadas pela vida, que mostram um semblante de quem espera a morte. Em contrapartida a essa criação a partir de “fora” sobre a velhice, percebe-se que uma quantidade significativa de pessoas na faixa etária da terceira idade tem encontrado no esporte, um momento de lazer que, ao mesmo tempo ajuda os idosos a ocupar o tempo livre com atividades físicas que são estimuladoras da saúde física e mental. Isso faz com que o idoso em contato com outras pessoas estabeleça laços de sociabilidade e ao tempo que estreitam esses laços os velhos se permitem um espaço para a imaginação. Ao se envolverem em jogos e esportes inovam e até quebram paradigmas



hegemônicos dominantes do esporte, adotando a tolerância como valor quando admitem o confronto em seus eventos esportivos entre homens e mulheres.

Contudo, dada a ressalva, persiste nas análises a relação que associa a terceira idade e o lazer, como se este fosse decorrência natural daquela. No entanto, esta associação mais parece uma análise mecânica e determinista que carece de fundamentação teórica elaborada e de uma base empírica que possibilita a confirmação desta presunção. Marcellino (2006) nos alerta que esta relação não se sustenta, pelo menos em termos sociais. Ele adverte que em pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa, as mesmas indicam que as pessoas da terceira idade em comparação com pessoas de outras faixas etárias são as que possuem menor índice de frequência a equipamentos de lazer, ou que participam de atividades desenvolvidas neste tempo tido, equivocadamente, como de “lazer”.

Mas não se poderia esperar um panorama mais otimista, pois em um país “marcado por profundas desigualdades sociais em que grande parte da população tem 60 anos ou mais, envelhecer com saúde, prazer, livre da solidão e com qualidade de vida deve ser um dos principais desafios dessa parcela da população”(GIASSON, COLETTI e GRUNENVALDT, 2010, p. 1). Dados do IBGE de 2004 indicam que 8,9 % da população estavam na faixa dos 60 anos de idade, ou mais. Até 2025 o Brasil será o sexto colocado no ranking de população de idosos com mais de 60 anos, o que corresponderá uma população em torno de 32 milhões.

Simone de Beauvoir(1990) adverte que:

O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura. O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização(BEAUVOIR, 2008, p. 13)

Dada a severidade com que trata o tema a autora nos deixa um alento ao lançar o convite para concentrar esforços para mudar o “destino” dos mais desafortunados, pois é com uma atitude sensibilizada que se pode abalar uma sociedade. E, para tal, exigir que homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria em uma transformação radical. Portanto, a questão vai desde a exploração dos trabalhadores, à atomização da sociedade, e a miséria de uma cultura reservada a um mandarinato que conduzem a essas velhices desumanizadas.

Para Marcellino (2006), no país da juventude, as pessoas começam a envelhecer mais cedo, do ponto de vista social, e isso contribui para que o lazer se encerre cada vez mais no ambiente doméstico. Os velhos no Brasil, além das dificuldades econômicas, sofrem uma série de preconceitos, uns criados por eles mesmos, tendo em vista os valores de uma formação muito severa no tocante ao envolvimento com atividades do mundo do não trabalho ou da “não seriedade”. A sociedade também não deixa por menos:

... [os velhos] passam a ser apontados como transgressores quando tentam quebrar os preconceitos ou o estereótipo do ‘velho bem comportado’, que ‘sabe o seu lugar’ – ‘olha a assanhada’, ‘será que ele não se enxerga !’. ‘ora, ele já teve o seu tempo!’. (MARCELLINO, 2006, p. 48).



Estes exemplos são emblemáticos pois em nossa mentalidade mais profunda se associa a involução biológica que é característica do ser humano com a idade a uma limitação e reclusão de sua vivência e de suas relações sociais e afetivas no âmbito da coletividade. É algo parecido como se aos velhos não fosse mais possível a experiência da “sociabilidade”, da “mobilidade” e da “imaginação” que o contato coletivo e a relação de interdependência com outros sujeitos possibilitam. Parece que as ações de preconceito contra as atitudes de velhos que não se “enxergam” aumentam quando estes se valem de atitudes e comportamentos de afetividade. Quando os velhos pretendem namorar, ou morar novamente com um companheiro(a), os preconceitos se agigantam. Sobre o amor de velho, é possível mesmo que só velho possa opinar. Parece que ainda não se assimilou a sábia frase de T.S. Eliot, que na experiência de sua juventude de setenta anos escreveu: “O amor retribuído sempre rejuvenesce” (ALVES, 2008, p. 246).

Em um lugar de fronteira onde o Estado ainda não está totalmente presente, os direitos dos cidadãos vão se configurando e se afirmando de forma que os direitos civis ou individuais se antecipam aos direitos políticos e sociais.

No entendimento de Santos (2007) viver e estar em uma situação de fronteira, tendo em vista a não fixidez das regras, à subjetividade será permitida exploração do potencial emancipatório da fronteira. Destaca-se que as características da vida na fronteira que permitem para que se configurem as condições acima enunciadas são: 1. Uso muito seletivo e instrumental das tradições trazidas para a fronteira por pioneiros e emigrantes; 2. Invenção de novas formas de sociabilidade; 3. Hierarquias fracas; 4. Pluralidade de poderes e de ordens jurídicas; 5. Fluidez das relações sociais; 6. Promiscuidade entre estranhos e íntimos; 6. Misturas de heranças e invenções.

Sobre inventar novas formas de sociabilidade, argumenta o autor:

Viver na fronteira significa ter de inventar tudo, ou quase tudo, incluindo o próprio ato de inventar. Viver na fronteira significa converter o mundo numa questão pessoal, assumir uma espécie de responsabilidade pessoal que cria uma transparência total entre os atos e as suas conseqüências. Na fronteira, vive-se a sensação de estar a participar na criação de um novo mundo (SANTOS, 2007, p. 348).

Tendo em vista que as hierarquias são ainda fracas, a construção das identidades de fronteira é sempre lenta, precária e difícil, pois ela depende de recursos que são escassos, dada a grande distância entre a fronteira e o centro, quer seja do poder, do direito ou do conhecimento. Na fronteira, a grande distância em relação ao centro, facilitou, também para se minar a hierarquia. Assim,

Viver na margem do império significava, geralmente, viver onde o poder do Estado central era fraco, onde a atividade econômica estava pouco regulamentada e onde a inovação cultural encontrava poucos obstáculos (CRONO, MILES, e GITLIN, apud SANTOS, 2007, p. 349).

Pode um grupo que se reúne para jogar gatebal produzir uma sociabilidade mental constituída de subjetividade que é característica da sociabilidade de fronteira? As respostas parecem serem fluidas,



quando se trata de homens que configuram um lugar não completamente marcado pelo paradigma da regulação.

O que importa em nosso caso específico, do jogo de gatelal e seus homens e mulheres, é captar a “fenomenologia geral da vida de fronteira”, a plasticidade de seus processos sociais, sua criação e inovação constante de mapas mentais, não dados à regulação central que contemplam a instabilidade, a transitoriedade e a precariedade da vida social na fronteira (SANTOS, 2007).

3.O caso da sociabilidade de fronteira dos nippo descendentes de Sinop-MT: suas representações sobre o gatelal

Dentre as várias representações que o gatelal pode assumir, destacamos algumas expressas pelos sujeitos da Associação Nipo-Brasileira de Sinop.

3.1. A função social do gatelal e sua característica cultural

Sabe-se que em situações de história de vida de cada pessoa estas possuem vivências bastante subjetivas. No entanto, estas reservas de vivências-experiências e de memória de cada pessoa ou grupo social levam para a situação relacional com a fronteira modificam-se quando se configuram em construtos num contexto completamente novo. Esta liberdade quase plena com que são transformadas pela primeira vez condiciona a liberdade de outras possibilidades de transformações.

Ao fazerem escolhas sobre o tipo de comunidade em que pretendem viver, os emigrantes estão, assim, a reduzir o âmbito de escolha que será posteriormente possível: ‘O ato de exercer a liberdade de transformar os velhos modos de vida estabeleceu as fundações para a criação de novos velhos modos de vida que acabariam por limitar a própria liberdade que os criou’ (SANTOS, 2007, p. 349).

Esta passagem nos ajuda a perceber que com a experiência do gatelal os sujeitos carregam em sua prática a dialética dos novos e velhos modos de manifestação de suas relações sócio-afetivas e de vida. Vejamos na fala, como o sujeito se encontrou com o gatelal.⁵

Bem antes de Sinop, minha mãe, nos anos de 1980, já estava no meio da turma lá no Paraná,(...) quando mudamos para Sinop e começamos a associação, o gatelal se tornou um negócio de diversão para os velhos, iniciamos isso aqui e até hoje estamos brincando, passando o tempo, isso é bom para a saúde (INFORMANTE, 2010).

⁵ Para preservar a identidade dos sujeitos, optou-se por denominar a todos por Informante 2010.



Na citação acima a idéia de continuidade, já na seguinte no seu envolvimento com a prática do gatebal se pode perceber um espaço-lugar de fronteira em que se manifesta a fluidez das relações sociais.

Vim acompanhando o pessoal, entrei bem atrasado, o povo já estava jogando, fui experimentar um pouco e gostei. A gente pratica estes tipos de esportes, porque, conforme vai tomando idade. A gente já não tem outra opção, pois correr atrás do futebol não adianta, os esportes de correr e andar bastante não tem jeito. Neste tipo de esporte, o gatebal, se caminha pra lá e pra cá, uns 15 metros, é uma diversão e um exercício (INFORMANTE, 2010).

O espaço do gatebal como construção é uma fronteira ainda não delimitada, portanto, capaz de abarcar a tolerância. Pois nele, a inovação e a instabilidade se articulam para configurar as faces das relações sociais. Fala-se de um espaço provisório e temporário onde as raízes se deslocam para contemplar itinerários de novas subjetividades que se querem sociabilizar.

Quando comparado com a rigidez, marca da regulação do esporte convencional, o gatebal que se configura no espaço-equipamento da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT é uma manifestação revolucionária. Como sugere Santos (2007), e ao parafraseá-lo penso que, o gatebal como acontecimento nesta Associação está impregnado pelo “senso comum emancipatório” ou senso comum discricionário (desigualmente comum) ele é construído e não “fundado” para ser apropriado, privilegiadamente, pelos grupos sociais oprimidos, marginalizados ou os excluídos da globalização que se servem desta manifestação para significarem suas vivências em experiências compartilhadas, muitas vezes movidas por afinidades étnico-culturais.

Elias, juntamente com Dunning sugeriram que o desporto é um fato de lazer “mimético”, com o qual se pode produzir excitação agradável que possui o potencial de funcionar como “destruição da rotina”. Assim, em uma relação de fronteira como espaço, a fluidez não é uma opção nas relações sociais, ela é imperativa para determinadas situações como se evidencia a presença da inovação e da instabilidade na passagem que segue:

Nós inventamos esta equipe com ajuda do Américo Hirayama, que trouxe a sugestão de um campinho, e nessa invenção que estamos praticando, infelizmente falta gente, pois são 10 bolas, 5 vermelhas e 5 brancas que se atacam. Quando vem gente de fora, de Cuiabá, Juara ou de outro lugar, a gente forma uma equipe em conjunto e faz uma diversão de quase um dia inteiro.⁶ Dá para formar o juiz, o capitão e assim por diante. A nossa equipe pratica aos sábados e aos domingos, direto (INFORMANTE, 2010).

⁶ Quando a equipe desta pesquisa estava na Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT para conhecer o espaço físico, tomar algumas fotografias do campo de jogo e de suas dependências, era domingo e havia uma expectativa muito grande tendo em vista a previsão da chegada do Grupo de Gatebal da cidade de Juara-MT, distante 350 Km de Sinop. Na programação constavam diversas rodadas de jogos entre as equipes e um almoço festivo.



Somente com a quebra dos padrões da tradição, ou do uso seletivo de alguns elementos da tradição do esporte que é possível aos participantes Associação Nipo-Brasileira de Sinop realizarem suas tardes de sociabilidade e diversão. Assim: “A tradição deve, portanto, ser imaginada para se converter naquilo de que precisamos, ainda que a definição daquilo de que precisamos seja, em parte, determinada por aquilo que temos à mão” (SANTOS, 2007, p. 348). E, como expressa a fala de um dos depoentes do grupo focal: “É um modo de estarmos passando o tempo e além de um passatempo para se divertir” (INFORMANTE, 2010).

3.2.A relação idade e tempo

A questão de como se vive o tempo parece requerer de uma consideração. Existe uma diferença entre a ótica do velho e da criança e do adolescente na sua relação com o tempo. Para Beauvoir(1990) o velho já descobriu sua finitude, mas no início de sua vida não ligava para isso, pois na ocasião via diante de si possibilidades inúmeras, o futuro no qual ele as projetava ampliava-se ao infinito para acolhê-las.

Já o velho sabe que sua vida está feita, está ciente de suas limitações físicas e que não poderá refazê-la. O futuro já não se apresenta mais repleto de promessas, “contraí-se na medida do ser finito que tem que vivê-lo” (BEAUVOIR, 1990, p. 465).

Os sujeitos do gatebal reconhecem que com a chegada da idade avançam também a limitação das capacidades físicas necessárias para o desempenho no esporte convencional. Neste sentido, parece oportuna a leitura de Beauvoir, quando salienta que:

(...) a realidade humana é afetada por uma dupla finitude; uma é contingente e diz respeito à facticidade: a existência tem um termo que lhe vem de fora. A outra é uma estrutura ontológica do para-sí. Na última idade, uma e outra revelam-se juntas, e uma através da outra((BEAUVOIR, 2008, p. 465).

Por certo, sobre a velhice e suas relações sociais são os velhos os sujeitos mais autorizados a se posicionar e isso pode ser expresso em atitudes, sentimentos, emoções e nas falas. Percebe-se que as condições objetivas para a prática do gatebal que fazem “sentido ou graça” para os jovens, já não serão as mesmas para os velhos. Mas, tem-se na fala a convicção de que aquilo que viveu na juventude não poderá se repetir, quicá fica sim uma magia na lembrança daqueles tempos e, quem sabe, da desenvoltura juvenil no esporte. A dupla finitude se evidencia.

Outros que vêm aqui e dizem que não tem graça só bater bola assim pra lá e pra cá, eles não entendem, e não acham muita graça, mas quem está ali dentro jogando, sente uma sensação boa. É um jogo bem animado porque a gente já bastante[velho] usa a cabeça, a vista também tem que estar muito atenta pra bater a bola, então é animado(INFORMANTE, 2010).



O futuro encolhido e o longo tempo pesado que os sujeitos têm do seu passado se evidencia no depoimento.

A maioria do pessoal que está aqui começou desde novo praticando outro tipo de esporte. O basebol(...) Em São Paulo, por exemplo, joga-se muito basebol. No Japão hoje se joga mais basebol do que futebol, agora que começaram a jogar futebol, mas o mais forte mesmo no Japão é o sumô (...) a luta japonesa e o basebol (INFORMANTE, 2010).

Quando um dos idosos afirma, "(...) quem está ali dentro jogando, sente uma sensação boa. É um jogo bem animado porque a gente já bastante[limitado fisicamente] usa a cabeça, a vista também tem que estar muito atenta pra bater a bola, então é animado", ele busca justificar o prazer de jogar, pois quando joga exercita-se não só o corpo, mas o cérebro, que retribui o esforço físico e psicológico com a "sensação boa".

Em outra passagem um dos idosos relembra da infância quando fala da relação do esporte ao fazer uma comparação do presente e do passado:

Geralmente esporte começa desde o tempo de criança, se começa a aprender alguns tipos de esportes e alguns de nós jogavam basebol que hoje está até iniciando aqui em Sinop. Aquele era um esporte que praticávamos muito, era muito animado. Os pais acompanhavam os filhos e todos juntos... Era realmente uma festa o esporte. Porém, aquilo foi se acabando, fracassando, e hoje se joga muito pouco (INFORMANTE, 2010).

Nesta iniciativa pessoal de um grupo de velhos que se reúnem para jogarem gatebal aos sábados à tarde e domingo, é possível de se defender a hipótese que dada a sociabilidade que compartilham os sujeitos evidenciam na fala e atitudes, alguns itinerários que nos autorizam afirmar que sobreviver nesta fronteira é uma provação de sabedoria e de descontentamento com as visões de regulação que se criam a partir de "fora" sobre o ser velho.

3.3. O esporte e saúde na velhice

De um modo geral, o que se observou nas falas é que todos relacionam a prática do gatebal com saúde. Em seu relato, um dos velhos diz que se sentia fraco e que mal conseguia andar.

(...) Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo TV, agora aqui você conversa com o povo, anda de lá e pra cá, erra bastante, toma vergonha, isso é bom. Olha, quando você tem um esporte com um campinho pra andar de lá e pra cá, é um exercício. (...) Quando entrei aqui, quase não parava em



pé, mas hoje já estou firme, pois caminho umas 2 horas indo de lá e pra cá. Eu acho que tem um sentido grande de exercício, de estímulo de movimentação, que faz o jogo ser saudável (INFORMANTE, 2010).

De fato a prática de esportes na terceira idade, traz benefícios, na medida em que estimula o idoso a se movimentar, caminhar e, principalmente, pensar sobre que intensidade de uso da força e velocidade se deve imprimir em cada tacada na bola para melhorar o desempenho. Tanto a saúde física quanto a saúde mental são fatores que contribuem para uma melhor vivência da senilidade. Assim, o gatebal se configurar como um jogo de estratégia, esse estímulo de pensar, em alguns casos chega a ser mais importante que o exercício físico.

(...) É preciso que os circuitos nervosos que permitem a revivescência das imagens permaneçam intactos. Certas doenças - entre outras, a demência senil e a arteriosclerose cerebral - destroem um grande número desses circuitos. Mesmo um homem que ainda tenha boa saúde pode estar afetado por lesões bastante graves." (BEAUVIOR, 1990, p. 448).

Quando perguntados sobre gostar de jogar gatebal, outro informante já nos deu pistas de que pessoas as pessoas atribuem sentidos e parece que estar dentro do gatebal faz muito sentido, diverso de quem está de fora.

A questão do jogo é o seguinte, todo tipo de jogo quando a pessoa engrena, quando começa a entender o jogo, é gostoso. O jogo é quase um snooker, mas com um campo grande e no chão. Quando a pessoa ataca a uns 10 metros de distância e acerta, por exemplo, é uma sensação boa. Então, acho que qualquer esporte, quando a pessoa começa a engrenar e entender, é gostoso, cativa e seduz (INFORMANTE, 2010).

Verificou-se que o exercício mental, empenhar-se no jogo é adentrar-se nele mais profundamente e isso para os velhos se dá de um modo mais lento "*entender o jogo*", tendo em consideração as limitações físicas que o organismo biológico dos velhos vai assumindo (declínio na desenvoltura que envolve as capacidades físicas), por certo, é um dos motivadores dessa prática do esporte.

3.4 O sentimento de relação igual, homens e mulheres no mesmo time

O gatebal, a exemplo de outros esportes, tem suas regras. Para a prática desse esporte necessita-se de no mínimo 10 jogadores, cinco para cada lado e mais alguns reservas. Porém, na Associação Nipo-



Brasileira de Sinop, não se tem número suficiente de jogadores. No entanto, essa necessidade é suprimida na medida em que as esposas participam do jogo.

Quando questionados sobre a relação homem e mulher no mesmo time, todos os sujeitos mostraram não ter nenhum tipo de preconceito, quanto à prática do esporte por ambos os sexos. Disseram que é difícil formar um time, por causa da falta de jogadores e quando as delegações de outras cidades vêm jogar em Sinop-MT, também não ocorre a prática de segregação entre masculino e feminino:

Com essa relação de homens e mulheres no mesmo time evidencia-se a quebra do paradigma dominante do esporte de rendimento. Além disso, essa relação contribui para a função social do esporte, na medida em que o esporte “ao ser dessacralizado” assume características de “festividade”.

No XII Simpósio Internacional Processos Civilizadores, realizado em Recife em 2009, Hugo Lovisolo, com sua peculiar irreverência presenteou os participantes com um texto singelo: *Mulheres e esporte: processo civilizador e (des) civilizador*. O artigo focalizou o processo de inclusão da mulher em diferentes campos em direta competição com os homens e o valor da não segregação dominando esses campos. No entanto, alerta para o fato de que a guerra e o esporte foram campos que se constituíram como de não inclusão do feminino. O autor destaca que em diversos campos, estão em curso processos no sentido de tornar a sociedade mais inclusiva, destacando-se a inclusão do feminino, mas com o esporte se percebe que a realidade não é alentadora nesta direção.

Ao atentar para os aspectos educacionais que concorrem para perpetuar ou não valores segregacionistas no esporte, o autor aponta para a escola como um lugar onde as questões de co-educação ou não segregação estão há algumas décadas sendo discutidas e tratadas com a marca do anti-segregacionismo. A escola pode nos dar algumas indicações para a complexidade da temática:

O que denominamos de co-educação ou não segregação domina o panorama escolar faz algumas décadas. A co-educação nas aulas de educação física significa que a escola opera com autonomia com relação à sociedade, pois, nesta, a segregação nos esportes é dominada. Alunos atuais nas escolas não sabem que “antigamente” existiam escolas para meninos e escolas para meninas. Alguns ouviram falar do assunto por seus pais (LOVISOLO, 2009, p. 7).

Em que pese continuarem as práticas segregacionistas nos jogos esportivos, a experiência do gatebal nos permite falar em prática não segregacionista, pois já vimos que as características da fronteira permitem, no espaço da carência, a improvisação do possível, tendo em vista a fluidez das relações sociais. Perguntados, sobre qual é o sentimento ao jogarem juntos homens e mulheres, vejamos a resposta.

O problema é o seguinte, neste jogo existe o masculino e o feminino, mas como aqui não tem conjunto, a gente não tem um time de 10 pessoas, porque um time completo é de 10 pessoas, então para oficializar um jogo e ir jogar em qualquer outro lugar, precisamos se juntar, pois no mínimo você precisa ter 15 pessoas, para sobrar alguns reservas... Então assim, a gente vai se familiarizando com o pessoal aqui (INFORMANTE, 2010).



De fato o *gatebal*, recebe o rótulo de “*esporte para mais idoso*”, como na fala de um dos sujeitos da pesquisa, por se tratar de um jogo que não exige muito esforço físico. Essa configuração de jogo, do ponto de vista pedagógico, traz um pouco do brinqueado e do lúdico, pois é um esporte que pelo fato de não contar com muito esforço físico, exige de muito raciocínio e estratégia, na medida em que é um jogo de equipes, em que o êxito depende da cooperação entre os sujeitos.

Assim, se apontam alguns indicadores de que é na prática que se tiram elementos para se configurarem novas práticas sociais como o “esporte da escola”, que tendo em vista os interesses e subjetividades diversas que movem os educandos, este passa por transformações para atender interesses múltiplos. Isto ocorre também, no campo do *gatebal* onde se tem evidências de inconformismo com práticas segregacionistas que tendem mais para a impossibilidade de participação do que a inclusão do diferente, propriamente dito.

Um dos sujeitos da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT, demonstra que na esfera do lazer, a lógica que coíbe e condiciona as satisfações emocionais pode fugir aos rigores a que são impostas aos seus membros na sociedade industrial contemporânea em que predominam as atividades e experiências dirigidas para objetivos impessoais podem ser subsumidas a partir de pactuação de interesses e valores capazes de legitimar o espaço do *gatebal* como um lugar de encontro com o outro e proporcionar momentos de sociabilidade. Entender o campo de jogo do *gatebal* como lugar de exercer uma lógica racional movida pelas condições locais e emocionais dos participantes, ou como diria Chomsky citado por Santos, deve se criar um novo senso comum – “senso comum cartesiano”- que aqui denomino o uso do conhecimento tácito para problemas que são localizados e subjetivos.

Talvez esteja ali um indício de que as pessoas comuns desenvolvem em suas conversas e discussões saberes tácitos, que emergem de suas limitações existenciais verificadas pela memória sobre o tempo, atividade e história e “aplicam a sua inteligência e as suas capacidades nesta área específica” (CHOMSKY, *apud*, SANTOS, 2008, p 371) e aí se refere particularmente ao *gatebal* quando se parafraseia e contexta, ao mesmo tempo Chomsky, ao afirmar com ele “que essa destreza intelectual e essa capacidade de compreensão podiam ser usadas em áreas realmente importantes para à vida humana em sociedade” (CHOMSKY, *apud*, SANTOS, 2008, p 371). Assim, fica uma questão: o que é realmente importante na vida dos velhos que jogam *gatebol* em Sinop? E sugere-se que o menos importante para Chomsky, talvez seja muito importante para o jogador de *Gatebal* que se procurou apresentar....

Quando se faz referência em uma pesquisa a sujeitos com limitações físicas, dificuldades de locomoção e idade avançada, talvez seja oportuno refletir sobre a racionalização e padronização de condutas tão freqüentemente cobradas a partir da epistemologia universal que advém da “(...) racionalidade moderna. Este padrão regulador, sobretudo depois de Descartes, condena as emoções e as paixões por constituírem obstáculos ao progresso do conhecimento e da verdade” (SANTOS, 2007, p. 366).

Kunz (2001) atenta para três conceitos já discutidos na filosofia e na psicologia, mas ainda não devidamente abordados sobre seu potencial para a realização e envolvimento de sujeitos com o esporte configurando-se uma relação movida pelo paradigma da emancipação. Para ele a percepção, sensibilidade



e a intuição são potencializadoras para a manifestação de movimentos corporais espontâneos e intuitivos de um corpo vivo que sente “constituído pela vivência e experiência de ações não apenas padronizadas e para serem copiadas” (KUNZ, 2001, p, XI).

4.Considerações finais

Dentro do empreendimento que se desenhou com a pesquisa mais ampla sobre *O esporte e lazer no município de Sinop-MT: um estudo de suas manifestações na cidade e no campo*, o olhar sobre A Associação Nipo-Brasileira de Sinop e sua prática do *gatebal* em uma cidade caracterizada como de fronteira, possibilitou-nos atingir os objetivos estabelecidos.

O *gatebal* em sua manifestação é um antídoto à homogeneidade cultural que marca também as cidades de fronteira, tendo em vista que as tradições culturais se impregnam nos emigrantes como se fosse de fato a “segunda natureza”, ou seja, um dado quase imutável, mesmo quando se verifica que viver na fronteira o sujeito esteja submetido a situação de maior permeabilidade.

Assim, no tocante à democratização do espaço, o *gatebal* na sua configuração manifesta-se em contradição. Uma, na medida em que congrega homens e mulheres em torno de uma atividade esportiva não convencional, os sujeitos são preponderantemente de origem japonesa, e o fator endógeno poderia estar prevalecendo quando da arregimentação de interessados para ingressarem no Clube, ainda que esta cláusula não conste na legislação interna da agremiação. A outra, ao abrir um Clube ao público para a prática do *gatebal*, representa uma iniciativa capaz de modificar a paisagem esportiva urbana e significar um elemento que se contrapõe a homogeneidade cultural bastante presente na vida dos habitantes das cidades, inclusive nas de região de fronteira.

Foi possível de se perceber com as atividades de lazer da prática cultural do *gatebal*, evidências de que este esporte contribui para o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas com relação à esfera pessoal e social.

Na esfera pessoal, o *gatebal* representa um antídoto ao sedentarismo e as doenças que podem acometer o indivíduo na velhice devido ao declínio da mobilidade que o ser humano passa com o processo de envelhecimento. Esta representação da necessidade de movimentação que o *gatebal* propicia foi um dos pontos mais relevantes enfatizados pelos sujeitos pesquisados. O *gatebal* como prática de lazer representa uma atitude de não conformismo, pois passou a: “(...) se sentir saudável e bem fisicamente. Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo TV (INFORMANTE, 2010).

O prazer do ganho de qualidade de vida com a melhoria do desempenho físico pessoal, não está dissociado da possibilidade de estabelecer relações com laços de sociabilidade com seus pares de jogo no lazer.

A pesquisa evidenciou que o envolvimento desinteressado, mas afetuoso dos sujeitos com o *gatebal* neste lugar de fronteira, tensiona uma visão reducionista sobre as práticas corporais e de lazer que



caracteriza a modernidade pela sua capacidade de racionalização, e que movem grande parte das análises que se fazem quando do envolvimento das pessoas com o esporte. Kunz (2001) denomina este entendimento de paradigma racional-quantitativo do esporte que na ânsia de auxiliar na busca de melhores resultados, pode não perceber que a qualidade de realização esportiva e de vida melhor pode estar no diálogo que o sujeito estabelece consigo mesmo sobre suas “qualidades perceptivas e perceptíveis” (KUNZ, 2001, p. XII).

O cenário do esporte, inicialmente impulsionado em trazer o esporte do espaço aberto para o espaço fechado e com cobertura isolando esta manifestação do contato direto dos fenômenos da natureza (chuva, sol, neve, gelo e frio), mas na atualidade o esporte busca retornar novamente ao contato “com o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza” (BENTO, 1992, p. 116).

O *gatebal* em sua configuração é uma manifestação que procura manter sua característica de jogo de espaço aberto, de contato com os fenômenos da natureza, talvez isso contribua para que seus praticantes tenham desenvolvido um elevado grau em suas “capacidades perceptivas e perceptíveis”, de tolerância e paciência quando aguardam por prazos relativamente longos a chuva passar para se (re)iniciar novamente o jogo.

5. Bibliografia

ALVES, R. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENTO, J. Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”. A cidade esportiva. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Eds). **A ciência do desporto – a cultura do homem**. Porto: Universidade do Porto, 1992.

GIASSON, A. R. ; COLETTI, E. R. GRUNENVALDT, J. T.. **Vou levando a vida, dançando e vivendo com os outros: um estudo sobre os enfrentamentos das rotinas habituais**. (Relatório final de pesquisa de iniciação científica - CAP: 322/2009). Cuiabá: UFMT, 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios. <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos>. Acesso em 17/06/2009.

_____. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC - Campinas, v. 21, p. 63-77, maio /agosto 2004.

KUNZ, E. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Movimento**. Ano VI- n.12, p. I-XII, 2000/1 (Especial- temas polêmicos).



LOVISOLO, H. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizador. **XII Simpósio Internacional Processo Civilizador: civilização e contemporaneidade**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco- UFPe, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

José Tarcísio Grunennvaldt

Rua Marupas, 339, Jardim Jacarandás, Sinop-MT, cep 78557 648

jotagrun@uol.com.br

Recurso tecnológico – Data-Show